

# INTELIGÊNCIA DO NORTE

*O Dia – 14 de outubro de 1938.*

**H**á dias, escrevendo eu um rápido ensaio sobre a personalidade original de Leonhard Frank, tentei abrir os olhos para o fato de desconhecermos quase por completo os grandes materiais humanos que fornece a nova literatura alemã.

Ninguém entre nós, nem de nome, o que é doloroso, conhecia o escritor reacionário. Sabemos que, em grande maioria, todos os que se dizem leitores e amigos da arte e da literatura estão acostumados a admirar a beleza das brochuras e das encadernações, sem no entanto tentarem uma investigação mais objetiva.

Outra tarde, conservando demoradamente com o sr. João Ghignone, o único livreiro que em Curitiba se interessa pelos fatos literários, ouvi desse senhor algo de lamentar. A sua livraria, sem dúvida a mais procurada, vendera em Curitiba 50 exemplares do “Rei Filósofo” de Pedro Calmon. Enquanto que a outra livraria que possuí, na cidade do Salvador, conseguira colocar para mais de 1.300 exemplares. O caso é triste para uma cidade como Curitiba, que possui a fama de grande centro universitário e cuja população mostra tanto interessar-se pelas elevadas produções espirituais.

É preciso que os orientadores dos núcleos culturais façam uma divulgação mais eficiente dessa gente toda que lá por fora realiza os ideais plenos da civilização ocidental. Que haja maior preocupação artística e menos política literária de café.

Do contrário, de nada nos adianta contar grandezas da nossa inteligência, quando sabemos bem que pouco entendemos de literatura, ou melhor, que nada sabemos porque nada lemos.

Estou me afastando da intenção com que tomei da pena para escrever este artigo. Quero falar hoje de mais duas figuras, de valor imenso da nova literatura norte-americana. E quiçá bastante desconhecidos para a totalidade dos nossos homens de letras.

São eles: 1.º) John Steinbeck; e 2.º) John dos Passos. Dois novelistas da vida, dois escritores de revolução, dois temperamentos geniais, duas atitudes, duas maneiras diferentes de viver e combater.

O primeiro, em plena luz do nosso inquieto século vinte. O segundo, de ardências rebeldes e propagador do ideal socialista. Um conformado com a sorte. Outro lutando contra a sorte.

Steinbeck, vivendo na solidão, no abandono de si mesmo, procurando na vida a verdadeira poesia do espírito. Dos Passos, vivendo entre as massas, aconselhando e criticando, fugindo do isolamento, tentando sempre dizer alguma coisa de novo, falando mal da vida enquanto pode, destruindo, condenando, falando pelos sofrendores e oprimidos.

Só que os lê poderá falar da enormidade dessas duas atitudes. É preciso ser forte de espírito, ousado, para ou abandonar a luta ou buscar o sossego, ou, pelo contrário, abandonar o sossego para buscar satisfação na luta cotidiana.

Um assombra pelo seu desinteresse pelo destino humano. Outro pela vontade forte, pela decisão justa de se colocar a favor dos menos favorecidos, de se fazer advogado daqueles que na vida servem para somente carregar o fardo da inconsciência de uma aristocracia perniciosa e de uma burguesia gananciosa.

Steinbeck e Passos, ambos apóstolos da paz. Um procurando a paz no silêncio e no isolamento, aconselhando boa vontade e amor. Outro pregando aos quatro ventos uma redenção mais própria para homens e que seria no caso a reação violenta.

John Steinbeck nasceu no interior torturado pelo sol quente vindo dos desertos malditos. Passou a infância entre pessoas humildes e cujo único objetivo seria o de viver em paz, mesmo sem conforto e sem saúde.

Trabalhou com o corpo e espírito. Usou das mãos como usou da cabeça. Foi peão de fazenda, procurou ser ajudante de carpinteiro, chegou a ser aprendiz de pintor e até ajudante nas grandes construções de Nova York.

Viveu como pôde. Lutou contra a fome. Esteve desempregado. E foi daí, entre essa luta pela própria subsistência, que surgiu “The Pastures of Heaven”, a novela, como diz, “feita de fel e livre de todos os ódios”.

Cheio de superstições, possuidor de uma religião espiritual própria, foi a sua formação intelectual que deu à obra de Steinbeck aquele profundo sentido social. Escreve para dar um pouco de felicidade. Escreve com leveza e simplicidade para que os néscios e os ignorantes o possam entender e saibam compreender a grandeza divina do universo de Deus.

Flexível de imaginação, ele constrói mundos de paz e de prosperidade. Em tudo é a felicidade que comanda, é o amor que orienta, é a admiração sem a inveja que faz os homens amigos, que faz da vida uma eterna ânsia de viver.

Falando francamente, como Sinclair Lewis, Steinbeck nada entende do mundo, pouco conhecimento possui dos homens. Para ele o homem deve viver pelo espírito, superar as caudais de ódio, abafar ganâncias, fazer somente amigos, perdoar aos pecadores e a todos aqueles que exploram o trabalho dos humildes.

E que os homens vivam pelas aspirações comuns, pelos ideais coletivos, irmanados no amor e unidos pela fé.

Esse é John Steinbeck, o autor de “In Dubious Battle”.

John dos Passos já é diferente. Não acredita na sinceridade humana. E sabe que a grande realidade é a da força bruta. Cheio de doloroso pessimismo, descrente, traçou em linhas perfeitas a psicologia da sociedade norte-americana.

Como Steinbeck, não ignora dos Passos a nostalgia da solidão. Teme, porém, o abandono, o asfixiamento, a traição. Conhece bem mais os homens que o outro americano, vive temeroso porque sabe até onde vai um homem que quer

vencer, que precisa subir para ter o que vestir e o que comer, para viver enfim certo de que a vida não mais o atraícoará.

Dos Passos volta-se, então, para os fracassados, para os escravos de todas as lides, para os párias e infelizes. Ele ama com ardor a criança apaixonada, o operário que volta cansado do seu trabalho explorado, a prostituta que percorre as ruas, as cidades, trocando carinho pelo pão de cada dia. Ele ama a todos quantos tiveram a má sorte de não serem os escolhidos para as grandes posições, aqueles que não puderam roubar, que não ousaram explorar, que se apiedaram dos desgraçados, que sofrem porque ainda há sofrimento no mundo.

“Manhattan Transfer” é um libelo, uma acusação tremenda. Fala pelos justos, pelos que ainda sentem sangue nas faces. Pelos que ainda conseguem se envergonhar ante a sorte miserável de tantos desgraçados que a caridade pública protege e humilha. E o renome de John dos Passos nasce dessa sinceridade chocante, desse desejo infreável de jogar desaforos ao rosto dos que são menos infelizes e desconhecem o esforço dos que lutam para comer, para vestir, para viver, sem a ajuda hipócrita de uma sociedade comercializada até na moral, até nos costumes.

Maurice Edgar Coindreau, que é o grande crítico americano, referindo-se a Dos Passos, afirmou que o grande escritor é a figura mais interessante da sua geração. E eu o acredito e sei mesmo que Dos Passos é no momento o escritor mais lido e comentado da América do Norte.

Eu estou vendo, aqui de longe, o burguês displicente a rir das acusações de Dos Passos. Mas estou vendo também, muito infeliz, muita mãe sofredora derramar lágrimas pelos filhos sem comida e sem agasalho. Dos Passos não fez do sofrimento humano um motivo de literatura. A sua arte não é nova. Ele possui o mal de compreender e sentir as misérias das grandes sociedades burguesas e mesmo a formação social do homem. Ele sabe que a sua luta é estéril mas luta pela vontade de ser franco e sincero para consigo mesmo, para que todos saibam que há ainda grande número de homens, entre os intelectuais principalmente, que estão alerta, para no primeiro instante oferecerem préstimos aos pequeninos que são grandes e aos infelizes que ganharão o reino dos céus.

Acredito mais em John dos Passos que em Steinbeck. Descreio do conformismo. Pelo menos a missão de Dos Passos é mais nobre e mais humana.